

Cenário cinzento da violência e as múltiplas facetas da família: enfoque psicossocial

Danyelle Monte Fernandes Costa
Maria da Penha de Lima Coutinho
Lidiane Silva de Araújo

*Universidade Federal da Paraíba
João Pessoa, PB, Brasil*

RESUMO

A violência é um problema de saúde pública que atinge diversas sociedades no contexto global. Tem caráter endêmico e pluridimensional, podendo ser representada de forma diferente entre as sociedades e seus grupos. Objetivou-se apreender as representações sociais da violência e da família elaboradas por crianças e adolescentes de João Pessoa, PB. A amostra compreendeu 180 crianças e adolescentes, submetidos ao questionário sociodemográfico e à técnica de associação livre de palavras. Os dados foram processados pelo software Tri-Deux-Mots. As representações sociais elaboradas pelos participantes apresentaram consensos e dissensos; as crianças ancoraram a violência em elementos psicossociais e aspectos concretos, enquanto os adolescentes associaram às consequências físicas e jurídicas do fenômeno. O universo compartilhado pelos participantes demonstrou as múltiplas faces da família, representada neste estudo de forma ambivalente. Isto é, a família foi objetivada como uma atmosfera de união e carinho, embora também configure um ambiente hostil perpassado por brigas.

Palavras-chave: Representações Sociais; violência; família; crianças; adolescentes.

ABSTRACT

Grey scene of violence and the multiple facets of the family: psychosocial approach

Violence is a public health problem that affects many societies in the global context. Has endemic and multidimensional, can be represented differently between societies and their groups. The objective was to apprehend the social representations of violence and the family produced by children and adolescents in Joao Pessoa, PB. The sample consisted of 180 children and adolescents, who completed a sociodemographic questionnaire and a word association test, through the stimulus “violence” and “family”. The data were processed by the software Tri-Deux-Mots. The social representations elaborated by the participants showed consensus and dissent, children violence anchored in concrete aspects and psychosocial elements, while adolescents associated with physical and legal consequences of the phenomenon. The universe shared by the participants demonstrated the multiple faces of family, represented in this study in an ambivalent way. That is, the family has been objectified as an atmosphere of unity and affection, but also set an environment permeated with hostile fights.

Keywords: Social representations; violence; family; children; adolescents.

RESUMEN

Escenario gris de la violencia y las múltiples facetas de la familia: enfoque psicossocial

La violencia es un problema de salud pública que afecta a muchas sociedades en el contexto global. Ha endémicas y multidimensional, se puede representar de manera diferente entre las sociedades y sus grupos. El objetivo de este trabajo fue a aprehender las representaciones sociales de la violencia y de la familia desarrollada por niños y adolescentes de João Pessoa, PB. La muestra está compuesta por 180 niños y adolescentes expuestos a un cuestionario sociodemográfico y la técnica de asociación libre de palabras. Los datos fueron procesados por el software Tri-Deux-Mots. Las representaciones sociales elaboradas por los participantes mostraron el consenso y el disenso; la violencia los niños anclado en aspectos concretos y elementos psicossociales, mientras que los adolescentes relacionados con las consecuencias físicas y jurídicas del fenómeno. El universo compartido por los participantes demostraron las múltiples facetas de la familia, representada en este estudio de manera ambivalente. Es decir, la familia se ha objetivado como un clima de unidad y afecto, sino también establecer un ambiente impregnado de peleas hostiles.

Palabras clave: Representaciones sociales; violencia; familia; niños; adolescentes.

INTRODUÇÃO

A violência é um problema de saúde pública que atinge as diversas sociedades no contexto global. Em expansão, o referido fenômeno rompe fronteiras, configurando-se como causador de preocupação constante a um grande número de pessoas, de todas as gerações, sem considerar nível social, econômico, religioso ou cultural específico. Sua presença pode ser denunciada em diversos espaços sociais, isto, pois, é peculiar a própria violência manifestar-se de forma pulverizada, atingindo desde a vida privada à vida pública em todos os seus aspectos, dos mais visíveis aos mais camuflados. Evidencia-se, inclusive, a violência mascarada que atravessa a esfera familiar, contexto no qual pode ser designada por violência familiar ou, ainda, numa acepção mais ampla, violência doméstica (Chenais, 1981; Lopes Neto, 2005; Minayo, 2005; OMS, 2002).

No contíguo dos processos violentos, a violência do tipo doméstica é um fenômeno intrincado, caracterizado como um enigma que aborda a constelação familiar e o seu entorno, em geral, de forma silenciosa e dissimulada. O construto em questão atinge majoritariamente de forma hostil os seres mais indefesos da sociedade, tais como crianças, adolescentes, mulheres e idosos, acarretando-lhes danos biológicos e psicossociais (Avanci Assis, Santos e Oliveira, 2005; Brito, Zanetta, Mendonça, Barison e Andrade, 2005; Minayo e Souza, 2003; Rocha, Tassiano e Santana, 2001).

Ao investigar sobre as manifestações da violência doméstica, Minayo (2001) destacou seus principais tipos de expressão: violência física, sexual, psicológica e negligência. A primeira é caracterizada pelo uso da força física empregada pelo agressor, em diferentes graus, para causar dor e sofrimento à vítima e, como realidade última, a morte. A violência sexual, objetivada muitas vezes em forma de abuso, caracteriza-se pela ação na qual uma pessoa, em relação desigual de poder, induz ou força a outra a realizar práticas sexuais para a sua gratificação. A violência psicológica trata de situações em que se deprecia ou ameaça a vítima; e a negligência, as omissões da família e da sociedade em propiciar as necessidades básicas da pessoa vitimizada, faltando-lhe nos cuidados necessários quando em condições de oferecê-los.

Brito et al. (2005) destacam que todas essas modalidades podem ocorrer na forma pura, quando se trata de uma única modalidade, ou associada, quando em um mesmo caso são identificadas duas ou mais modalidades. Embora sejam classificadas dessa forma para fins didáticos e de notificações legais,

quando ocorre qualquer outra modalidade de violência, a violência psicológica poderá estar inserida neste cenário, imprimindo profundas marcas no desenvolvimento dos atores sociais, com o potencial aumento na incidência de transtornos psiquiátricos (Duarte, 2005).

Sendo assim, Minayo (2006) afirma que, em face dessa multiplicidade de expressões, faz-se imperativo que a noção de violência não seja concebida de forma reducionista numa definição estática e simplista, senão sob um enfoque que lance luz sobre sua especificidade histórica e sua evolução na vida social.

Para se entender a violência doméstica, devem-se considerar alguns conceitos sobre a dinâmica e as suas diversas faces. É uma violência interpessoal, intra ou extrafamiliar, intensificada pela violência estrutural. Nesta perspectiva, a violência cometida contra crianças e adolescentes pode ser praticada por qualquer membro da família ou os demais seres que estão no seu entorno. No entanto, há uma dificuldade de se conhecer a real situação, por fatores culturais e institucionais, uma vez que a família é o território onde é perpetrada de forma taciturna a maior parte da violência contra crianças e adolescentes (Saffioti, 1997). Isto é, em consonância com os dizeres de Leite, Oliveira, Camerini, Ramos e Moscardini (2006), num contexto de violência familiar, subjazem um pacto de silêncio nos lares, o que potencializa que os agressores, em geral, contem com a cumplicidade de outros membros da família (ou vizinhança) para legitimar ou naturalizar as atitudes violentas.

Para Duarte (2005), o modelo da sociedade brasileira está baseado na dominação, na exploração e na violência. Ela concebe que

[...] a estrutura familiar e social, vinculada ao poder patriarcal, colocou, durante séculos, mulheres e crianças sob o poder incondicional dos homens, deixando o ambiente do lar como um território de leis próprias onde era permitido agredir, violentar e matar (p. 25).

Nesta tela, o *Manual do Ministério da Saúde* (2002) sobre notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes aponta para a necessidade de “desnaturalizar” a violência nas famílias. Embora se apresente de forma silenciosa e seja vista como um problema banal, na verdade, incutem prejuízos diversos.

Conquanto pareça contraditório falar de violência no contexto familiar – espaço onde se espera evidenciar condições favoráveis ao desenvolvimento de crianças e adolescentes –, desde os tempos mais remotos há indícios desse tipo de violência. Sobre esta situação,

desde o início da humanidade tem-se registros, inclusive teológicos (Gênesis capítulo IV, morte de Caim pelo irmão Abel), que mostram que a violência encontrava-se arraigada na esfera familiar.

Destarte, a violência é um problema histórico, que tem suas raízes fincadas em macroestruturas, conferindo-lhe formas de expressão conjunturais, atualizando-se no cotidiano das relações interpessoais, sendo uma questão essencialmente social (Santos e Ferriani, 2007). Por possuir um caráter endêmico, complexo e pluridimensional, este objeto social manifesta-se de forma enigmática, em decorrência dos contextos sociais, históricos, econômicos ou culturais específicos, podendo, portanto, ser representado de forma diferente entre as sociedades e entre os grupos de uma mesma sociedade (Minayo, 2005, 2006; Minayo e Souza, 2003; Odalia, 2004).

Apesar de não existir uma integração no tangente aos estudos que abordam a temática, estabelecendo escassez de dados mais robustos sobre o problema, pode-se inferir que as diversas modalidades de violência podem ser responsáveis por grande fração dos atos violentos que constituem o índice de morbimortalidade em diferentes partes do mundo (Minayo e Souza, 2003).

Nesta súpula de elementos discutidos neste artigo, é notório que os construtos violência e família apresentam-se de forma diluída nas sociedades, constituindo-se como fenômenos multifacetados que apresentam diversas manifestações, as quais se interligam, realimentam-se e se fortalecem. Para tanto, qualquer reflexão teórico-metodológica sobre esses conceitos pressupõe o reconhecimento de sua complexidade, polissemia e controvérsia. Em face de tais considerações, o presente estudo desenvolveu-se sob o enfoque da Psicologia Social, ancorado na abordagem psicossociológica da Teoria Moscoviana das Representações Sociais.

Esta teoria foi desenvolvida por Serge Moscovici (1981), quando da publicação de *La psychanalyse, son image et son public*. Ao apresentar sua teoria, ele fez compreender como um conhecimento erudito era transformado num saber de senso comum, elaborado e partilhado pelos indivíduos.

Segundo Moscovici (2003), as representações sociais são conjuntos de conceitos, proposições e explicações criadas na vida cotidiana e no decurso da comunicação interindividual, resguardando as funções de formação de condutas, orientação na comunicação e as funções identitária e justificadora. Deste modo, as representações sociais apresentam um objetivo prático, que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (Jodelet, 1989).

A formação das representações sociais abrange os processos sociocognitivos de objetivação e ancoragem (Moscovici, 2003). A objetivação caracteriza-se por tornar palpável o que é abstrato, transformando um esquema conceitual em imagem de uma coisa empiricamente identificável; enquanto a ancoragem é o processo através do qual se faz possível uma integração do novo ou desconhecido numa rede de categorias usuais de pensamento (Álvaro e Garrido, 2006; Jodelet, 1989).

Coutinho, Araújo e Gontiès (2004) afirmam que a representação pode ser instituída enquanto um sistema de interpretações da realidade, passível de organizar as relações dos indivíduos com o mundo e orientar suas condutas e comportamentos no meio social. Sendo assim, as representações sociais refletem a inter-relação entre os atores sociais, o fenômeno compreendido e o contexto que os rodeia (Sá, 1998). Aderindo a esta proposição teórica, Balista, Basso, Cocco e Geib (2004) investigaram as representações sociais da violência elaboradas por adolescentes e verificaram que estas foram ancoradas em aspectos estruturais e objetivadas em ações maléficas e intencionais.

Diante dessas considerações, o presente trabalho buscou avaliar os elementos psicossociais que revestem os objetos sociais violência e família em grupos de crianças e adolescentes, valorizando o discurso infanto-juvenil e situando tais achados no seio das experiências e relações dos atores com seus grupos de pertencimento. Para atender a este ofício, objetivou-se apreender as representações sociais da violência e da família elaboradas por crianças e adolescentes escolares da cidade de João Pessoa, Paraíba.

MÉTODOS

Tipo de Estudo

Tratou-se de um estudo de campo, exploratório, de cunho quali-quantitativo, enfatizando-se uma visão psicossociológica acerca do fenômeno estudado.

Amostra

A amostra foi do tipo não-probabilística e de conveniência, formada por 180 crianças e adolescentes, com idades entre 7 e 18 anos, dos sexos masculino (54%) e feminino, de uma escola pública da cidade de João Pessoa, Paraíba. Como critérios para exclusão/inclusão dos participantes no estudo, consideraram-se os seguintes: (i) obtenção prévia da autorização dos responsáveis para participação no estudo; (ii) aceitação voluntária para participação e, (iii) estar na faixa etária de 7 a 18 anos.

Instrumentos

Utilizaram-se como instrumentos o questionário sociodemográfico (com perguntas de natureza sobre sexo e idade) e a Técnica de Associação Livre de Palavras, com os estímulos indutores: “violência” e “família”. Estes estímulos foram assim classificados com o propósito de articulá-los aos objetos sociais em investigação, conforme sugerem Nóbrega e Coutinho (2003).

Questionário sociodemográfico

Este instrumento foi utilizado com a finalidade de obter informações acerca dos participantes, compreendendo assim o perfil característico da amostra, assim como o estabelecimento das variáveis fixas que compuseram o banco de dados processado pelo programa computacional Tri-Deux-Mots (Cibois, 1995).

Técnica de Associação Livre de Palavras

A Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) foi formulada por Jung em 1905 e adaptada no campo da psicologia social por Di Giácomo (1981). Diferentemente dos objetivos clínicos de Jung, os pesquisadores em representações sociais visam à identificação das dimensões latentes nas representações sociais, através da configuração dos elementos que constituem a trama ou rede associativa dos conteúdos evocados em relação a cada estímulo indutor. Por ser uma técnica projetiva, os conteúdos latentes e não filtrados pela censura tornam-se salientes. Trata-se, portanto, de um instrumento que se apoia sobre um repertório conceitual concernente ao tipo de investigação aberta que permite evidenciar universos semânticos que refletem os universos comuns de palavras em face de diferentes estímulos e sujeitos ou grupos.

Procedimentos

A coleta de dados foi realizada após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, sob o protocolo CEP/HULW n° 098/10, considerando, portanto, a Resolução 196/96 (Brasil, 1996). Em seguida, realizaram-se visitas à escola para apresentar a proposta de pesquisa junto à direção da instituição. Neste aspecto, os pais/responsáveis pelos alunos também foram contatados pela equipe de pesquisadoras para assinatura prévia dos termos de consentimento. Com a autorização do estudo, os dados foram coletados; a aplicação dos instrumentos se deu nos espaços de salas de aulas, de forma coletiva, resguardando todos os cuidados éticos atinentes à pesquisa com seres humanos.

Análise dos dados

Os dados advindos do questionário sociodemográfico e da técnica de associação livre de palavras foram processados pelo programa computacional Tri-Deux-Mots (Cibois, 1995) e analisados por meio da análise fatorial de correspondência (AFC). Este software é comumente utilizado para tratamento de dados qualitativos de questões abertas e/ou fechadas e, sobretudo, a associação livre de palavras. De acordo com Estevam, Coutinho e Araújo (2009), o pacote estatístico em questão tem oferecido fidedignidade e valor preditivo consideráveis nas pesquisas ancoradas nas abordagens psicossociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processamento dos dados pelo programa Tri-Deux-Mots possibilitou a análise fatorial de correspondência das evocações das crianças e adolescentes face aos estímulos indutores com as maiores cargas fatoriais associadas às variáveis sociodemográficas.

A análise executada pelo software ofereceu uma leitura gráfica das variações semânticas na organização espacial. Foram registradas 1723 palavras inscritas como respostas aos estímulos, das quais 416 foram palavras diferentes, como resultado da junção dos termos com similaridade semântica.

A Figura 1 ilustra o plano fatorial de correspondência oferecido pelo software, demonstrando a representação das variações semânticas na organização do campo espacial, explicando, deste modo, as aproximações e os distanciamentos das modalidades de construção dos eixos ou fatores (F1 e F2). Com isso, o gráfico apresentado possibilitou a emergência das representações sociais elaboradas pelas crianças e adolescentes acerca dos estímulos indutores “violência” e “família”.

A conjunção dos fatores compreendeu 71,8% da variância total das respostas e apontou, notadamente, a análise das variáveis ou modalidades que tiveram contribuição superior a duas vezes a média das cargas fatoriais apresentadas pelo programa.

Na posição horizontal, no primeiro eixo (Fator 1), não emergiu nenhuma evocação especificamente associada à outra variável fixa incluída no banco de dados (sexo). No lado negativo do eixo, a violência foi ancorada nas diversas modalidades de violência (física, sexual e psicológica), sendo objetivada pelos atores sociais como um fenômeno *ruim*, causador de *morte e dor*, sendo ainda associado à *agressão, abuso, discussão, espancamento e estupro*.

Embora tenham divergido no tocante às objetivações, as interlocuções supracitadas parecem

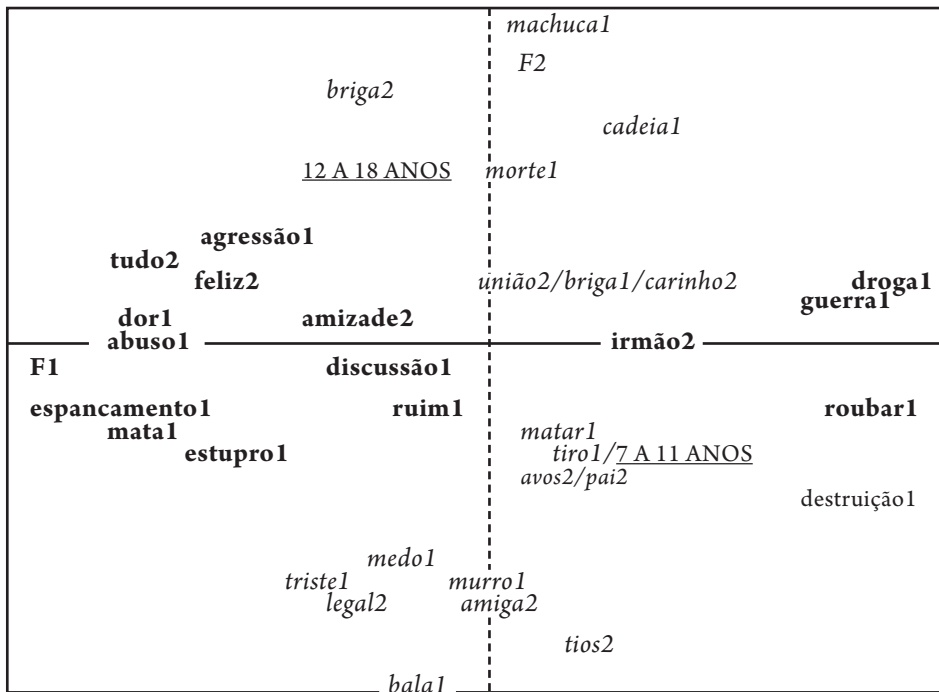


Figura 1 – Plano fatorial de correspondência das representações sociais das crianças e adolescentes sobre violência e família.

corroborar a investigação de Balista, Basso, Cocco e Geib (2004), na qual os adolescentes representaram o fenômeno ancorando a violência e suas diferentes modalidades num eixo ideológico mais amplo, a violência interpessoal, a partir da qual modalidades específicas de violência são circunscritas, embora se associem a um quadro abrangente da violência (Minayo, 2001).

Em associação ao estímulo “família”, o universo compartilhado pelos participantes foi ancorado num discurso direcionado para a família como um suporte de acolhimento, objetivado, especificamente, pelas expressões *tudo*, *feliz* e *amizade*. Conforme Ribeiro e Martins (2006), representações desta natureza refletem a importância da família como instituição de suporte afetivo e de compreensão e bem-estar.

Em oposição, no lado direito do eixo 1, emergiu um campo semântico formado pelos elementos: *droga*, *guerra* e *roubar*. Verificam-se nestas objetivações raízes atinentes aos aspectos sociais, políticos e econômicos de uma sociedade, oferecendo à representação da violência uma ancoragem macroestrutural (Santos e Ferriani, 2007). Ainda no fator 1, no tocante ao estímulo família, pode-se observar uma única expressão objetivada pelos participantes: *irmão*. Esta representação, para além de situar a família por meio de um de seus membros, remete para a concepção da família como uma instituição integrada, conforme preconizam as ideias de Ribeiro e Martins (2006).

Quanto ao fator 2, eixo vertical, os grupos com idades entre 7 e 11 anos (crianças) e 12 e 18 anos (adolescentes) encontram-se diametricamente distanciados, o que

indica afastamentos representacionais. Na parte superior do eixo 2, o campo semântico referente ao estímulo violência foi composto por elementos como *briga*, *machuca*, *cadeia* e *morte*. Neste aspecto, tais evocações foram ancoradas na expressão da violência e seus possíveis impactos. Ao analisar essas objetivações, pode-se inferir que as interlocuções dos adolescentes situam a violência na esfera das implicações físicas (*briga*, *machuca*) e jurídicas (*cadeia*) aos envolvidos pelo fenômeno, que pode, como realidade anunciada, causar mortes (Minayo e Sousa, 2003).

Na parte inferior do eixo, as crianças ancoraram a violência em elementos psicossociais (objetivada como um fenômeno *triste* e provocador de *medo*), além de aspectos concretos que materializam as ações violentas, tais como *matar*, *murro*, *tiro* e *bala*. Tais interlocuções parecem ser típicas desta fase de desenvolvimento, que tem como principal característica o pensamento concreto (Piaget, 1976). Em aditamento a esta análise, Jacks e Iribure (2007) afirmam que neste grupo de pertença é usual a influência midiática na compreensão da violência em sua faceta “fantástica”, caracterizada pelo arsenal de objetos utilizados nas ações intencionais de violência (Minayo, 2005; Brito et al., 2005; Balista, Basso, Cocco e Geib, 2004).

Ainda no fator 2, no campo inferior, as crianças representaram a família como sinônimo das palavras *pai*, *mãe*, *avós* e *tios*. Estas evocações foram ancoradas na noção de família como grupo social, constituído por pessoas do grupo primário, com papéis sociais típicos a esta instituição (Muszkat, 2004).

Diferentemente das crianças, no campo superior do eixo 2, os adolescentes associaram ao estímulo indutor “família” as palavras *briga*, *carinho* e *união*. Estas evocações foram ancoradas numa concepção ambígua da família, na qual, simultaneamente, há uma representação situada em aspectos positivos e negativos desta instituição socializadora. Convém destacar que esta contradição já foi evidenciada em pesquisas anteriores, que apresentaram a família e os “dois lados da moeda”. Isto é, embora envolva acolhimento e afeto, a família ainda parece compreender as vivências do adolescente condicionalmente, facilitando, portanto, as brigas no seio familiar (UNICEF, 2005; Rizzini, Rizzini, Naiff e Baptista, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo apreender as representações sociais de crianças e adolescentes escolares sobre os objetos sociais violência e família. Através do acesso às interlocuções obtidas a partir da técnica de associação livre de palavras, submetidas à análise fatorial de correspondência no programa computacional Tri-Deux-Mots, foi possível identificar os conteúdos subjacentes às representações sociais construídas pelos atores sociais.

Os resultados evidenciaram que as representações sociais elaboradas pelos participantes, em relação à violência e família, apresentaram consensos e dissensos. Isto é, em função das características pertinentes a cada grupo investigado, embora tenham sido destacadas peculiaridades nos discursos dos grupos de crianças e adolescentes, houve uma forte base comum aos indivíduos, sobretudo no que tange à raiz ideológica das representações por eles forjadas: a construção da identidade dos diferentes grupos (crianças e adolescentes) que se dá no arcabouço social, implicando a compreensão das representações sociais formadas por tais grupos a partir da ordem de suas vivências.

Destarte, quanto aos conteúdos representacionais, os adolescentes ancoraram a violência na esfera das consequências físicas e jurídicas que atravessam o fenômeno. Para as crianças, a violência foi ancorada em elementos psicossociais e aspectos concretos, justificando as características de fragilidade do grupo infantil – portanto, o medo e a tristeza associados à violência – e o pensamento concreto, que explica as objetivações associadas a objetos palpáveis comumente utilizados nos atos violentos.

Diferentemente das crianças, os adolescentes representaram a família ancorados numa perspectiva ambivalente, isto é, os participantes objetivaram a

família como um núcleo capaz de proporcionar uma atmosfera de união e carinho, embora também configure um ambiente hostil perpassado por brigas.

Mediante a análise dos processos geradores das representações sociais – objetivação e ancoragem (Moscovici, 2003; Jodelet, 1989) – das crianças e adolescentes acerca da violência e família, verificaram-se neste estudo como são construídas as representações sociais desses participantes, o que possibilita aos mesmos um caráter prático, designando um leque de interpretações da realidade, através das quais eles tentam explicar e compreender a violência e a família no contexto onde estão inseridos (Jodelet, 1989).

As diferentes representações revelaram o caráter endêmico e pluridimensional da violência (Minayo, 2005), que por sua vez urge da família e do Estado estratégias eficazes para enfrentar a problemática em questão, expandindo, certamente, as possibilidades de relacionamento entre os grupos de pertença investigados, a esfera familiar e a sociedade. Confia-se que esta investigação possa prover contribuições para a ampliação da discussão e reflexão sobre o universo compartilhado pelos participantes acerca dos construtos investigados, com o intuito de fomentar a efetivação dos direitos da criança e do adolescente em desenvolvimento, resguardando estes atores sociais, sobretudo, de situações de violência na interface com a família.

REFERÊNCIAS

- Álvaro, J.L. & Garrido, M. (2006). *Psicologia Social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. São Paulo: Mc Graw Hill.
- Avanci, J.Q., Assis, S., Santos, N.C., & Oliveira, R.V.C. (2005). Escala de violência psicológica contra adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, 39(5), 702-708.
- Balista, C., Basso, E., Cocco, M., & Geib, L.T.C. (2004). Representações sociais dos adolescentes acerca da violência doméstica. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 6(3), 350-357. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/revista6_3/05_Original.html>.
- Brasil. (1996). Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução nº 196*, de 10/10/1996. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/1996/Reso196.doc>>.
- Brito, A.M., Zanetta, D.M., Mendonça, R.C.V., Barison, S.Z.P. & Andrade, V.A.G. (2005). Violência contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 10(1), 143-149.
- Chesnais, J. (1981). *Histoire de la violence: en occident de 1800 à nos jours*. Paris: Éditions Robert Laffont, AS.
- Cibois, U.F.R. (1995). *Tri-deux-mots*. Versão 2.2. Paris: Sciences Sociales.
- Coutinho, M.P.L. (2005). *Depressão Infantil: uma abordagem psicossocial*. João Pessoa: Ed. Universitária.
- Coutinho, M.P.L., Araújo, L.F. & Gontíes, B. (2004). Uso da maconha e suas representações sociais: estudo comparativo entre universitários. *Psicologia em Estudo*, 9(3), 469-477.

- Di Giacomo, J.P. (1981). Aspects méthodologiques de l'analyse des représentations sociales. *Cahiers de Psychologie Cognitive*, 1(1), 397-422.
- Duarte, M.L. (2005). *Prevenção à violência doméstica contra crianças e adolescentes: procedimentos e orientações*. Recife: Rede Tecendo Parcerias.
- Estevam, I.D., Coutinho, M.P.L. & Araújo, L.F. (2009). Os desafios da prática socioeducativa de privação de liberdade em adolescentes em conflito com a lei: Ressocialização ou exclusão social? *Psico*, 40(1), 64-72.
- Jacks, N. & Iribure, A. (2007). Ficção televisiva e representação da infância. In V.J. Morigi, R. Rosa & F. Meurer (Orgs.). *Mídia e representações da infância Narrativas contemporâneas* (pp. 117-135). Curitiba: Champagnat; Porto Alegre: UFRGS.
- Jodelet, D. (1989). Répresentation Sociales: um domaine en expansivo. In: D. Jodelet (Org.). *Les Représentations Sociales*. Paris: Puf.
- Leite, C.N., Oliveira, A.R.K.F., Camerini, M.B., Ramos, C. & Moscardini, A.C. (2006). Notificação de maus-tratos infantis: necessidade de educação médica continuada. *Arquivos de Ciências da Saúde*, 13(1), 22-26.
- Lopes Neto, A.A. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, 81(5), 164-172.
- Minayo, M.C.S. (2001). Violência contra criança e adolescentes: questão social, questão de saúde. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 1(1), 91-102.
- Minayo, M. C. S. (2005). Relaciones entre procesos sociales, violencia y calidad de vida. *Salud Colectiva*, Buenos Aires, 1(1), 68-78.
- Minayo, M.C.S. (2006). *Violência e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Minayo, M.C.S., & Souza, E.R. (Orgs.). (2003). *Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira* (8ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Ministério da Saúde (2002). *Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: um passo a mais na cidadania em saúde*. Secretaria de Assistência a Saúde, 167. Brasília, DF.
- Moscovici, S. (1981). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: Press Universitaires de France.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Muszkat, M. (2004). Violência intrafamiliar: novas formas de intervenção In: Levisky, D.L. *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção* (pp. 167-173). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Nóbrega, S.M. & Coutinho, M.P.L. (2003). O Teste de Associação Livre de Palavras. In: M.P.L. Coutinho et al. (Org.). *Representações Sociais: abordagem interdisciplinar* (pp. 67-77). João Pessoa: Ed. Universitária UFPB.
- Odalia, N. (2004). *O que é violência*. São Paulo: Brasiliense.
- OMS – Organização Mundial de Saúde. *Informe mundial sobre la violencia e la salud. Organización Panamericana de la Salud para la Organización Mundial de la Salud*. Washington, DC, 2002. Disponível em: <http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_es.pdf>. Acessado em: 03 jun. 2010.
- Pessanha, A.L.S. (2004). Adolescência tanto faz? In D.L. Levisky. *Adolescência e violência: ações comunitárias na prevenção* (pp. 111-121). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Piaget, J. (1976). *Psicologia e pedagogia*. Traduzido por Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Ribeiro, M.M. & Martins, R.B. (2006). *Violência doméstica contra a criança e o adolescente: realidade velada e desvelada no ambiente escolar*. Curitiba: Juruá Editora.
- Rizzini, I., Naiff, L. & Baptista, R. (2007). *Acolhendo crianças e adolescentes: Experiência de promoção à convivência familiar e comunitária no Brasil*. São Paulo: Cortez.
- Rocha, C.R.M., Tassiano, C.M.L.M. & Santana, J.S.S. (2001). Acompanhamento dos adolescentes na família. In ABEn. Associação Brasileira de Enfermagem. *Adolescer: compreender, atuar, acolher* (pp. 38-45). Associação Brasileira de Enfermagem. Ministério da Saúde. Brasília.
- Sá, C.P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Saffioti, H.I.B. (1997). No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual. In F.R. Madeira (Org.). *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil* (pp. 56-64). Rio de Janeiro: Editora Record-Rosa dos Tempos.
- Santos, L.E.S. & Ferriani, M.G.C. (2007). A violência familiar no mundo da criança de creche e pré-escola. *Revista Brasileira de Enfermagem*, São Paulo, 60(5), 524-529.
- UNICEF (2005). *Situação da infância brasileira: O direito a sobrevivência e ao desenvolvimento*. Brasília.

Recebido em: 22/07/2010. Aceito em: 17/09/2010.

Autoras:

Danyelle Monte Fernandes Costa – Doutora em Psicologia Social (UFPB). Mestre em Psicologia Social (UFPB). Psicóloga Clínica e Hospitalar do Exército Brasileiro.

Maria da Penha de Lima Coutinho – Pós-doutorado em Psicologia pela Universidade Aberta de Lisboa, Portugal. Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba. Pesquisadora do CNPq. Coordenadora do Núcleo de Pesquisa “Aspectos Psicossociais da Prevenção e Saúde Coletiva” da UFPB. Coordenadora do Programa DINTER.

Lidiane Silva de Araújo – Possui Licenciatura (2010) e Formação (2011) em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba.

Enviar correspondência para:

Danyelle Monte Fernandes Costa
Rua Othilia Barros de Medeiros, 68, apto 201 – Bessa
CEP 58037-710, João Pessoa, PB, Brasil
E-mail: danyemontec@yahoo.com.br